

CHARLY DELWART



ILUSTRADO POR
RONAN BADEL

AVENTURAS IMPROVÁVEIS

Diário de uma fuga mal planeada



«Um destino nunca é um local, mas antes uma nova
maneira de ver as coisas.»




Esta frase não é minha, é de um escritor
que se chama Henry Miller



TERÇA-FEIRA

Está decidido, vou fugir de casa.

Chamo-me Gaspar, tenho 10 anos (quer dizer, tenho 9 anos e onze meses e meio, portanto vai dar ao mesmo).

| 2. ^a | 3. ^a | 4. ^a | 5. ^a | 6. ^a | Sáb. | Dom. |
|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|---|------|------|
| X | X | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | |  | | |
| | | | | | | |

Talvez se estejam a perguntar porque é que quero fugir?

Seja como for, mesmo que não se estejam a perguntar isso, vou dizer-vos na mesma: bem, porque é normal. Ou para ser mais preciso:

1 – Porque é a altura.

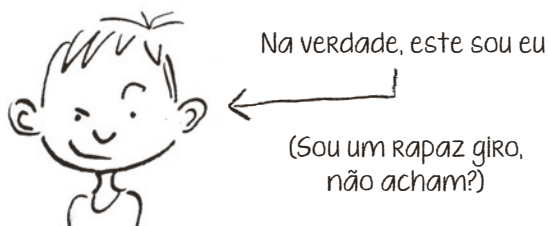
2 – Porque tenho idade para isso.

3 – Para ser independente (para levantar voo, como se diz dos passarinhos, exceto para aqueles que caem a pique do ninho quando tentam voar demasiado cedo).

4 – Para ver o mundo sozinho, como um adulto, porque já sou grande (para que saibam, estou no quarto ano).

5 – Para viver uma experiência só minha, completamente sozinho.

Por todas estas razões, percebem? É importante.



Bem, também há outra razão: eu e os meus pais não estamos de acordo, não estamos nada de acordo. Desta vez, não é como quando se zangam comigo sem razão, porque uma das minhas irmãs é que fez asneira. Não, neste caso é diferente. Eles não me ouvem e não é a primeira vez (também não sei quantas vezes isto já aconteceu, mas foram as suficientes).

A razão é a escolha da minha escola.

Eu quero frequentar a mesma escola que os meus amigos, mas os meus pais querem que eu vá para uma escola diferente que vamos visitar em breve e que, segundo eles, é melhor e maior. Já disse que não ia visitar porque não é para essa escola que quero ir e porque a outra é muito boa, é mais pequena e fica mais perto de casa (e além disso há os meus amigos, e sei que já o disse, mas é importante, e podemos repetir as coisas que são importantes).

Os meus pais disseram-me que, primeiro, devia ir ver a escola e que devia confiar neles.

Tornei a dizer-lhes que não.

A coisa descambou. Eles decretaram que, mesmo que me pedissem a opinião, a decisão final era deles, para meu bem.

Mas é impossível. Também não é o mesmo que da outra vez, em que não estávamos de acordo sobre a escolha de atividades na colônia de férias (eles tinham escolhido vela para mim, enquanto eu queria ténis). Tem sido esta a minha vida nos últimos quatro anos, ou seja, quase metade do que vivi até agora, e eu sei melhor do que eles o que é bom para mim.

Disse-lhes que tenho o direito de escolher.

— Não é uma questão de direito — responderam os meus pais.

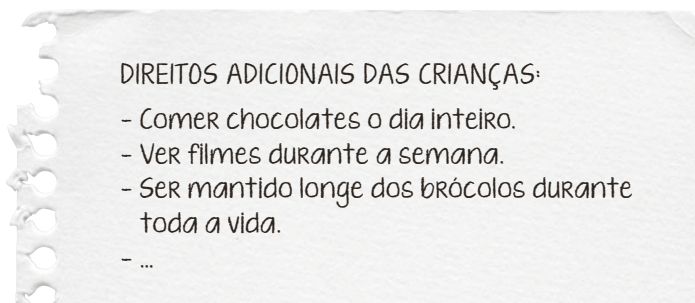
Como se só os adultos é que tivessem direitos, quando as crianças também os têm. Disse-lhes:

— Os adultos devem respeitar as crianças. — Tínhamos aprendido isso na escola, os direitos das crianças. — Não é justo.

Também lhes recitei os artigos 12 e 13, conheço bem o tema: *Todas as crianças devem poder expressar*

o que pensam e sentem. Também têm direito a ter informações sobre o mundo que as rodeia e a falar disso.

Aliás, devia haver mais direitos das crianças.



A minha mãe disse-me:

— É evidente que as crianças têm direitos. E é bom tu dizeres o que pensas. Mas também não é por isso que temos de respeitar todas as tuas vontades, é mais complicado do que isso.

O meu pai disse que, no que respeita à escolha da escola, há outros fatores a considerar, outras coisas em jogo além dos amigos ou de a escola ficar ou não perto de casa.

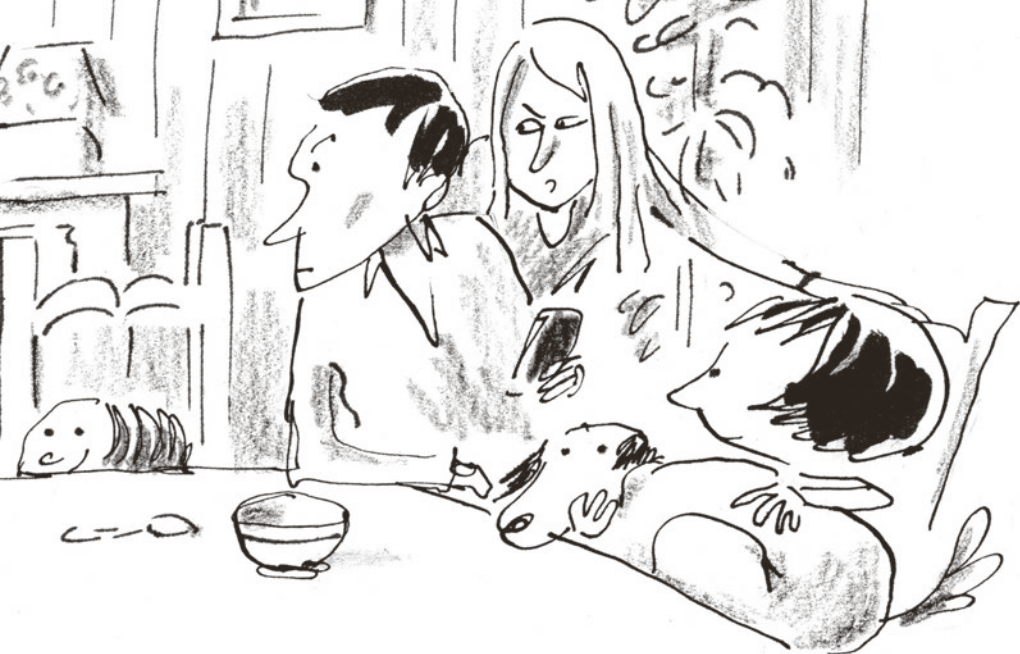


Desconfio que estão a tentar dar-me a volta à cabeça com palavras complicadas como *fatores*, *elementos*, *coisas em jogo*. Não concordo com eles, volto a dizer-lhes, desta vez mais secamente.

— Lembro-vos que, não tarda, terei 10 anos. Sou grande. E não vou ver a vossa escola, podem ir vê-la sem mim, porque eu vou para a minha.

Eles dizem-me:

— Quando fores realmente grande, podes fazer o que quiseres, mas, neste caso, não podes. E, tendo em conta o teu tom, tens o direito de ir para o quarto e de só de lá saíres quando fores mais bem-educado.



De qualquer maneira, eles não me compreendem. Ou sou eu que os compreendo melhor, porque quanto mais nos tornamos pré-adolescentes menos os nossos pais nos compreendem, mas mais nós compreendemos como eles pensam e, portanto, estamos menos de acordo.

Eles compreendem melhor as minhas duas irmãs: uma tem 7 anos e chama-se Ema, e a outra tem 2 anos e chama-se Dagmar. O nome dela foi uma ideia esquisita do meu pai, mas ela ainda não tem idade para achar que é um nome esquisito, portanto

não lhe dizemos isso. Temos a mesma estrutura familiar dos *Simpsons*, mas não é de propósito (quer dizer, tenho quase a certeza de que não).

Mas nós temos um cão que é muito maior do que o deles e que se chama *Bolas*. Também foi uma ideia do meu pai e, quando o chamamos, parecemos esquisitos, apesar de ter sido melhor do que se ele se chamasse *Traque*.



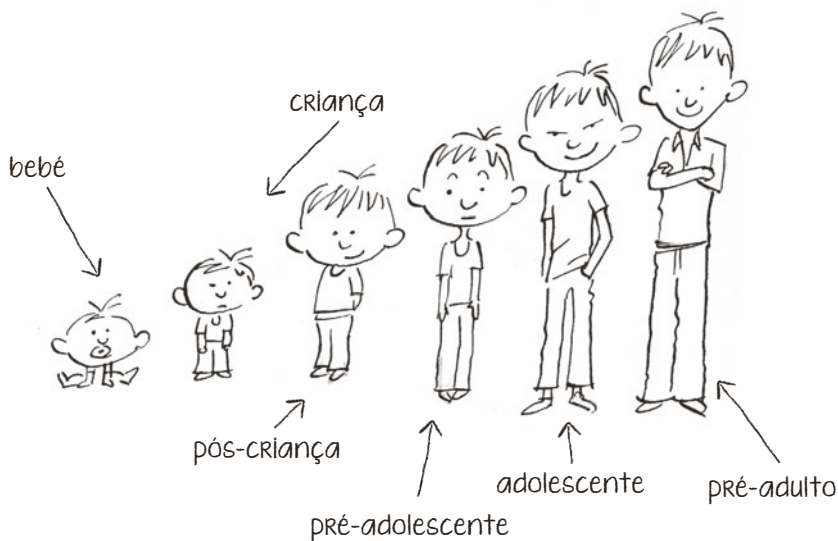
Ser o mais velho é como ser responsável por tudo o que as minhas irmãs fazem: seja o que for que aconteça recai sobre mim. Como se eu fosse o representante das crianças. Mas não sou considerado responsável de maneira geral, o que não é normal, não é justo. Porque eles acham sempre que eu sou uma criança, quando já sou um pré-adolescente, e não compreendem isso. Talvez seja porque, no tempo deles, era-se criança e depois, subitamente, era-se adolescente aos 16 anos (como no tempo dos meus avós, em que ou se era criança ou, de repente, era-se adulto aos 14 anos e alguns até começavam a trabalhar).



Eu a trabalhar
no campo, não
tenho a certeza
se seria o mais
eficiente



Mas agora já não é assim. Há toda uma gama de nuances adicionais entre as duas fases.



(bem, talvez sejam demasiadas fases,
mas vocês percebem)

Estou contente por não ter nascido noutra época, décadas antes, já para não falar de tudo o que não existia no tempo deles e que, segundo eles, nunca valorizamos o suficiente, porque não nos damos conta da sorte que temos agora em ter isso. Mas talvez também lhes dissessem isso em relação a outras coisas, e às gerações anteriores também.



Nem sabes a sorte que tens, com a tua idade não tínhamos nada disso.

Nem sabes a sorte que tens de poder andar de bicicleta, com a tua idade não tínhamos nada disso.





Nem sabes a sorte que tens por possuíres uma pele de animal, com a tua idade não tínhamos nada disso e passávamos o dia inteiro a CORRER todos nus.

Ou então eles ainda não me consideram responsável porque, como conhecemos os nossos filhos bebés, temos dificuldade em dar-nos conta de que eles crescem, sobretudo no caso do primeiro (eu, claro).

Portanto, tive de lhes ensinar que os tempos mudam:

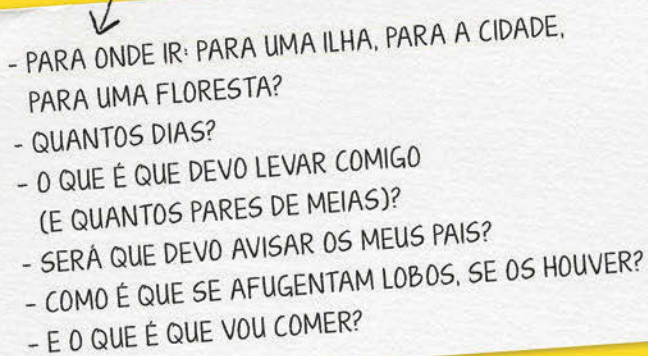
- aos 3 anos, tive de lhes pedir que tirassem as grades da minha cama;
- aos 4 anos, que me dessem lençóis a sério (e não de plástico);
- aos 5 anos, que me dessem um assento de bicicleta para crescidos (e não um de bebé);

- aos 6 anos, que tirassem as rodinhas da minha bicicleta (queriam deixá-las, achavam que era prático, assim não corria o risco de cair);
- aos 7 anos, que me deixassem ir para a escola sozinho (o nosso prédio fica muito perto da escola).

Quando voltar da minha fuga, eles já terão percebido que se enganaram e que eu sou muito mais crescido do que eles pensam, e tudo ficará em ordem. Poderei escolher a minha escola (e, como bônus, na próxima colônia de férias, no verão, talvez possa ter aulas de ténis em vez de vela).

Portanto, depois de amanhã (é quinta-feira) ou depois de depois de amanhã (sexta-feira, claro), vou partir à conquista do mundo (ou, pelo menos, vou fugir de casa). Seja como for, é assim mesmo, é mesmo assim mesmo.

Está decidido, não há volta a dar.
Chamo-me Gaspar e tenho 10 anos (quer dizer, quase).
Portanto, amanhã ou depois de amanhã, vou partir
à conquista do mundo.
Mas primeiro preciso de me organizar e tenho muitas
perguntas:




- 
- PARA ONDE IR: PARA UMA ILHA, PARA A CIDADE,
PARA UMA FLORESTA?
 - QUANTOS DIAS?
 - O QUE É QUE DEVO LEVAR COMIGO
(E QUANTOS PARES DE MEIAS)?
 - SERÁ QUE DEVO AVISAR OS MEUS PAIS?
 - COMO É QUE SE AFUGENTAM LOBOS, SE OS HOUVER?
 - E O QUE É QUE VOU COMER?

Porque uma aventura é uma coisa que se prepara.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-884-8



9 789895 898848